

Portugal, Souza
Antonio Caro

CHARLATÃES CONTEMPORANEOS

CHARLATÃES CONTEMPORANEOS

I

ANTONIO CARO

POEMA HEROE-COMICO

POR

SOUZA PORTUGAL E MAURICIO D'ATHAYDE



LISBOA
TYPOGRAPHIA NOVA MINERVA
150. R. Nova da Palma 154

1879


LIBRARY
JUN 26 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

ILL.^{MO} E EX.^{MO} SR. ANTONIO CARO

Presidente do Conselho de Ministros em disponibilidade etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., e.................................. do

tosão d'ouro

NOBILISSIMO SENHOR:

Ha quasi treze annos, o abaixo assignado, tendo ha pouco saido das fileiras do exercito, onde chegára ao *elevado* posto de sargento, e tendo por V. Ex.ª sido arrancado da modesta occupação (que lhe dava para viver, com privações mas sem deshonra) para ir figurar de comparsa no entremez, denominado — *Campo de Manobras*—, da lavra de V. Ex.ª, e vendo poucas probabilidades de achar prompto emprego quando acabou o sobredito entremez; fez um requerimento em que pedia a sua magestade lhe concedesse a reconducção no serviço militar.

V. Ex.ª, por um d'aquelles caprichos que lhe são proprios, indeferio o requerimento e

mandou pôr na rua este seu criado que, dando balanço á caixa quando transpunha sem saudade as portas do quartel, achou por toda a sua fortuna... dezesseis vintens.

Com aquelle seu despacho contrahio V. Ex.ª para comigo uma divida, que ha treze annos penso em lhe fazer pagar.

Tenho seguido attentamente os minimos acontecimentos da vida politica de V. Ex.ª, e no fim de tanto tempo achei um amigo que me ajudou a cantar em verso de pé quebrado as burlescas façanhas de V. Ex.ª; por que eu sósinho não podia com tanta gloria.

Vou pois publicar o poema que se segue.

Se d'elle tirar algum lucro, ficarei pago, não da perda da carreira militar, que n'esta *Parvonia* não vale um chavo gallego, mas das privações que V. Ex.ª me fez passar.

Passe muito bem.

De V. Ex.ª

Pasmado admirador

SOUZA PORTUGAL

Leaes parvoneses:

Um dos mais nobres apanagios da virtude é, sem duvida nenhuma, a—verdade—.

Ella, por si só, constitue a felicidade dos povos.

Anda porém esta deusa entre nós tão esquetida, tão velada, que, por vezes, se torna bascante difficil o descobril-a, ainda mesmo áquelles que a sábia naturesa priviligiou com vista sagaz e juizo recto. São muitos os seus adulteradores; e não é raro vêr por ahi correrem no immenso mercado da nossa litteratura, livros baptisados com pomposos titulos e firmados por cavalheiros de reconhecida reputação litteraria, em cujas paginas pullulam, por entre

magnificas flôres de rhetorica, a adulação, a lisonja, a falsidade, a mentira emfim.

Foi pois a leitura de um d'estes maus livros que fez brotar em nós o desejo de nos entregarmos á ardua tarefa do trabalho que agora apresentamos á vossa apreciação.

Lêde-o pois, lêde-o, e, sobre tudo, comprae-o, que n'isso vae, com certeza, o interesse, tanto nosso como vosso, e, talvez, quem sabe! *a independencia nacional.*

O reino da Parvonia que tendes a felicidade de habitar, offerece todas as condições de prosperidade, especialmente se o vosso bom senso souber expurgal-o das *celebridades* nocivas que se lhe incrustam, e que tão desastradamente lhe adulteram os movimentos que deviam conduzil-o pela estrada da civilisação e do progresso, unica que conduz á verdadeira felicidade.

Sêde pois cautelosos, prudentes, conspicuos. Tirae do passado proveitosa lição para o futuro.

Acabae com todas as velharias prejudiciaes ao aperfeiçoamento moral e material do paiz.

Hasteae a bandeira da vossa independencia.

Combatei no campo da legalidade e da honra.

Despresae o vil metal com que costumam subornar-vos o voto, cujo insignificante proveito

é nada, relativamente aos males que sobre vós, necessariamente ha de acarretar um tal suborno, e se assim fizerdes, vereis em breve alargarem-se os vossos horisontes, estenderem-se os vossos dominios, augmentar o vosso credito, e sereis, finalmente, um povo de heroes.

Avante pois, e coragem.

Parvonia 27 de Agosto de 1879.

Souza Portugal

Mauricio d'Athaide

DEDICATORIA

Eu quasi me envergonho,—Antonio Caro,
de em verso, tão plebeu te descantar!
o grande nome teu, d'um brilho raro,
era digno de ter outro cantar!!!...

Quando vejo tua fronte enobrecida
dos laureis do talento, da victoria!!...
Quando penso que tens ganho na vida
a c'rôa divinal d'eterna gloria!!...

Quando vejo os teus olhos scintillantes
dardejando centelhas de sciencia!!...
Quando vejo os sorrisos tão frisantes
dos teus beiços; nascentes de eloquencia!!...

Quando vejo os aneis do teu cabello,
por detraz das orelhas arrumados,
que parecem batidos a martello
por estarem assim, tão achatados ! ! . . .

Quando vejo tua face tão macia,
que, dos passados annos, nada diz:
pergunto se o diabo te faria
o mesmo que fez ao Fausto Petiz ! !

Quando vejo os teus pés de adolescente,
as mãos, os gestos; teu feitio emfim;
eu não posso dizer-te, francamente,
aquillo que se passa dentro em mim ! ! . . .

Fico estatico, mudo, pensativo,
recordando os teus actos; grandes obras ! ! . . .
Senhor de mim não sou ! Sou teu captivo !
confundo-me n'um *campo de manobras ! !* . . .

N'um *campo de manobras*, sim, meu caro,
de Creta n'um serrado labyrintho ! ! . . .
Eu, que fui da tua gloria sempre avaro
não sei como dizer-te o que em mim sinto ! ! . . .

O troar da tua fama me domina,
me escravisa, me prende, me atrophia
e . . . foge-me o calôr da luz divina,
o sol, o santo sol da poesia ! ! . . .

. . . .

. . . .

Mas, visto que só tu és o culpado
de eu me ver em tão pessimo caminho;
não te zangues de ser assim cantado,
e, ter em vez de lyra, um cavaquinho ! !

CANTO I

Ecce Fontes

Tempestade e bonança—Fado angelico—Cofre maravilhoso—Baile infantil—Regosijo popular—Apresentação do programma—Ascensão.

Rugiam pavorosos estampidos;
os raios pelos ares fuzilavam;
o ceu, de côr de fôgo, incendio vasto,
par'cia annunciar o fim do mundo!
Relampagos aos mil sulcam o espaço!
as cataratas igneas atterravam
os timidos mortaes no orbe inteiro!
A treva á luz succede, a luz á treva;
succedem-se os trovões, é tudo horrendo:
sibilam com fragor os aquilões
acarretando turbilhões enormes!
Despenha-se das nuvens em torrentes
o liquido elemento, derrubando
em pedras transformado, quanto alcança!

Transbordam do seu leito antigos mares;
os rios, as campinas alagando
ao cháos volver fazem continentes!
Fluctuam sobre as aguas, aos milhares,
homens e feras em confusa massa;
alguns sem vida ja, outros tomados
de espanto e medo, confusão immensa;
soltando aos ares um concerto estridulo
de gritos roucos, de plangentes queixas!!...
Nos ares pairam sanguinareas aves
que a espaços descem sobre as tristes victimas
e n'ellas cevam seu voraz instincto!!...

....

....

Que succedera então?! Que cataclysmo
a vida sobre a terra ameaçava?!
Acaso qu'ria o Eterno d'um só golpe
o mundo soverter, tornar ao nada?!!...

....

....

De subito a procella se abonança,
amaina o vento, as aguas aquietam-se
Já se não sente a chuva de graniso
e as nuvens se desfazem pouco a pouco.
Luz nova se lobriga no horisonte;
mas luz amiga, placida, serena;
luz divinal, qual deve ser aquella

que envolve o proprio Deus no throno ethereo!...
Avança, e, dentro em pouco, o ceu envolve.
No centro se divisa branca nuvem,
tão alva, que, ao pé d'ella, a pura neve
escura já parece, parda e negra!

. . . .

A nuvem se rasga e uns sons maviosos
se fazem ouvir, accordes sonoros
quaes sons de guitarra tocada a primor
por *faias* d'Alfama!
E mais se divisam:

Seis anjos *petizes*,
alegres, vestidos
de lindos matises;
brincões atrevidos.

Da nuvem saltando:
pim, pim, repim, pim,
á terra baixando
cantavam assim

(A musica é do maestro *faia* João Maria dos Anjos)

Parvonezes luzitanos
levantae as vossas frontes,
tocae gaitas e pandeiros
que nasceu agora o Fontes.

Portugal já foste nobre
mas agora estás por terra,
foste vencedor na guerra,
mas, por fim, ficaste pobre.
Negra mortalha te encobre
ha já hoje muitos annos;
duros fados deshumanos
te tem posto a *pedir chuva*...
Valha-os o sumo da uva
parvoneses luzitanos.

Mas não está tudo perdido,
vosso mal inda tem cura,
sois *d'uma cana* bem dura,
sois um povo destemido.
Povo de Deus protegido
tendes largos horisontes;
deitae no destino pontes;
no ceu tende confiança
e, sem perderdes a esp'rança,
levantae as vossas frontes.

Vivei alegres, contentes;
que o ceu por vós se desvela;
navegae no mar á vela
como nauticos valentes.
Não sejaes impertinentes,
ao prazer correi ligeiros,
risonhos e prasenteiros;

não deis a tristeza ouvidos;
brincae, folgae, divertidos;
tocae gaitas e pandeiros.

Nasceu hoje o salvador
da *Parvonia e das batatas;*
ide já beijar-lhe as patas
que não é nenhum favor.
Um *petiz* encantador
(a ninguem por'ora o contes)
já salta rios e montes
e toca bem *cavaquinho*. . .
Alegra-te *Zé povinho*
que nasceu agora o Fontes.

Os taes anjos calados ficaram
e das *banzas* cessou o ruido
e d'um cofre, que tinham trazido,
uma loura creança tiraram.

Era um lindo pequeno, tão esperto,
que ninguem inda viu outro igual;
tão alegre, gentil, jovial;
que celeste o julgaram de certo.

Tinha os olhos azues, expressivos;
e os cabellos bem louros, fulgentes;
na boquinha já tem quatro dentes,
dois caninos e dois incisivos.

Co'os dedinhos rosados, tirava
brandos sons d'um pequeno instrumento;
e, com lesto, veloz movimento,
o fandango a compasso bailava.

De contente saltava o povinho,
esquecendo os terrores de ha pouco;
e gritava frenetico, louco
—Ai! um anjo a tocar cavaquinho! !...

Co'os applausos redobra o petiz
o furor d'essa dança fremente;
e na boca lhe nasce outro *dente*.
Vejam lá que rapaz tão feliz!!...

E. apesar de ha momentos nascido,
ja fallava como um papagaio,
para nada precisa d'ensaio,
sabe tudo sem ter aprendido.

No sovaco mettendo o cavaco
pronuncia um discurso d'estalo;
e fumando com todo o regalo
um charuto de bello tabaco

vae dizendo com voz maviosa:
—Eu serei d'esta terra o Messias,
—e não tardam talvez muitos dias
—que reforma farei portentosa.

—Heide dár-vos caminhos de ferro,
—nas estradras fazer grandes obras,
—grande campo farei de manobras,
—mais um grande passeio no aterro.

—O Sampaio ministro farei
—*com seu manto de verdes bolotas;*
—e, depois de inauditas batotas,
—a prisão cellular vos darei.

—Na marinha serei valentão
—e meus feitos darão um grande eccho;
—comprarei na Inglaterra um chaveco
—para d'elle fazer o *Pimpão.*

—Mesmo em face do rei D. José
—e do grande Marquez de Pombal,
—Um grande arco farei, triumphal,
—com a estatua da fama de pé.

—Pavorosa revolta damnada,
—hade em mim ter cruel inimigo;
—se julgarem que brincam comigo
—lhes darei a comer *peixe espada.*

—Heide o Bonga apanhar vivo ou morto,
—p'ra não ter de valente fumaças;
—heide livres fazer negras raças,
—mas, no Bonga, darei c'o um pau torto.

—As colonias tenciono ceder
—a quem eu dispensar amisade;
—a Zambezia é p ro Paiva d'Andrade;
—e, as restantes p'ra quem eu quizer.

—O *Pavão* a dançar o batuque
—com o Manso que Paiva se chama,
—vençerão a questão de *Bolama;*
—um visconde será, outro duque.

—Serpa Pinto, já feito major,
—travessias fará lá na Libia,
—hade muito por lá dar a *tibia*
—e será do Bihé fossador.

Hei de emfim fazer *cousas da breca*
em proveito da lusa nação,
e de Hespanha alcançar o tosão,
finalmente, correr *Séca e Meca!!*...

Calou-se e sorrindo sumiu-se no ar,
e as turbas pasmadas ficaram a olhar...
....
....

CANTO II

Proezas e Maravilhas

Adolescencia—perfilhamento—grande reunião de sabios—primeiras proezas—o heroe educa-se—assentamento de praça—promoções—viagem a Cabo Verde—D. Antonia Pusich—candidatura—Maria da Fonte—espanto do Marechal Saldanha—estreia parlamentar,—ascensão ao ministerio.

Foi crescendo o tenro infante,
pela terra divagando,
no *cavaquinho* tocando
o fado mais delirante,
'té que um ministro d'estado,
constando-lhe as maravilhas
do petiz do ceu baixado,
logo o mandou procurar,
para assim lhe ouvir cantar
as alegres redondilhas.

Eis apparece o gaiato
mal vestido, quasi nú,

sem modestia nem recato
pergunta:
—Como estás tú?

Fica o ministro babado,
deveras maravilhado
das graças do petulante.
Dá-lhe uma fina farpela
e diz-lhe, sem mais aquella:
—Meu filho sois d'ora avante.

Dança o rapaz de contente
dando pulos de macaco,
depois. . . chora amargamente
por ter partido o *cavaco*.

Mas o *papá* o consola
dizendo-lhe com carinho
—Não chores meu *criançola*,
—que eu te compro um *cavaquinho*.

Fica então mais consolado
aquelle que foi chamado
p'ra no mundo vir a ser. . .
. . . .
aquillo que elle quizer.

O caro pae adoptivo
tratou logo de educar

aquelle heroe presumptivo
d'este mundo sublunar.

Deu ordem p'ra que viessem
os mestres mais afamados,
que mais talento tivessem,
que fossem mais nomeados.

E, de toda parte,
conforme elle quiz,
acode a *mestrança*
de todo o paiz.

E ás questões que os doutos propozeram
de tal feitio soube responder,
que, quando ensinal-o suppozeram,
tiveram inda muito que aprender!!...

—Que prodigio! Que portento!
—Que erudição! E que graça!!!...
. . . .
—Quem tem assim um talento
—póde e deve assentar praça.

—Ás armas heroe preclaro!
— Ás armas, com mil canhões!
—pois teu engenho tão raro
—de letras não quer lições.
. . . .

. . . .

Aproveita-se o conselho
da *mestrança* ali chamada
indo o illustre *fedelho*
assentar praça na armada.

Folgae bella *marujada*;
que juro por vida minha,
que jamais entrou na armada
tão *lindo* guarda-marinha;

Treze annos e onze mezes,
e *farpela* agaloada ! . . .
Não ha p'ra elle revezes
n'aquella sorte invejada ! . .
. . . .
. . . .

E. . . . .

Depois de na marinha ter entrado,
onde acções praticou d'alta valia,
em tenente foi logo transformado
do quadro da distincta engenharia ! ! . . .

Tenente,
valente,
formoso,

ditoso;
que sorte
feliz! . . .
. . . .

Tu indo
subindo
não podes
caindo
quebrar
o nariz?

N'um correr
tão veloz
muito atroz
é o cahir!
Mais pausado,
apressado;
estás damnado;
por fugir!

Nunca parando
vaes-te *safando*
d'uma tal sorte;
que, se escorregas,
cair adregas,
comtigo pregas
nas mãos da morte.

E, elle a fugir,
nem olha p'ra traz...
. . . .
Deixal-o subir
em quanto tem gaz...
. . . .
. . . .

Foi pois, o nosso heroe, sempre augmentando
em riquezas, em honras, em valor;
mas... oh! fado cruel, triste, nefando;
sem Judas não passou, sem vil traidor!...
. . . .

Eis aqui se repete a gran'verdade
d'um verso de Camões, que li ha mezes:
é pois certo que n'esta sociedade
— *alguns traidores houve algumas vezes.*—

E taes traças, taes intrigas
lhe armaram certos malvados,
que foi lá p'ra Cabo-Verde...
Por mal dos nossos pecados!...
. . . .
. . . .

E lá vae, o grande heroe, sulcando as ondas
qual fero, qual gigante Epaminondas.
. . . .

São-lhe os favonios propicios, .
não encontra precipicios,
tem sempre feliz maré.
As auras são-lhe ditosas,
navega n'um mar de rosas,
'té na Africa pôr o pé.

Relatar a longa historia
d'aquillo que por lá fez;
era ter muita memoria . .
demasiada, talvez. . .

E depois. . . Não estou lembrado.
Mas para que assim não fique,
vou conversar um bocado
com D. Antonia Pusich.

Cá 'stá ella!—D. Antonia,
—valha-me aqui porquem é;
—diga-me o que fez o Fontes?

—Tomou lá muito café,
—fez muitas, varias promessas
—a brancas, negras, negrinhas. . .
—Até prometteu comprar-me
—A minha ilha das Gallinhas—

—Fez discursos, *passeatas;*
—foi de todos estimado:

—seduziu lindas molatas;
—fez-se eleger deputado...
. . . .
. . . .

—Basta, basta, D. Antonia,
—não preciso mais saber;
—como o temos deputado...
—Oh! que bom que isto vae ser!...

—Mas não diga o que eu lhe disse.
—Póde ser que alguma vez
—eu inda venha a apanhar-lhe
—uns trinta mil réis por mez...
. . . .
. . . .

E a senhora D. Antonia
cheia de contentamento,
fica esperando que se abra
o futuro parlamento.

Porém, coitada, mal sabe
que inda tem muito que esp'rar;
pois Fontes, ao que promette,
muito bem sabe faltar.

A pár das famosas prendas
que elle tem, que dão na vista,

por esta bem se conhece
que nasceu para ser 'stadista.

Deixamos, pois, a velhota,
com suas dôces esp'ranças;
e, vamos nós asistir
a mais serias contrandanças.

Agitava-se o facho da guerra,
já se ouviam troar os canhões:
lá no Minho se brada se berra
contra ás leis contra as instituições.

A Maria da Fonte chamada
vem á frente dos nobres guerreiros,
e, na destra agitando uma espada,
salta montes, vallados, outeiros.

A revolta, no Minho nascida,
já se 'stende por todo o paiz:
cruel guerra, feroz. fratricida!
Que medonho futuro prediz!...

Quem será? Quem será o valente
que a revolta fará desabar?
—Quem será?
—Hade ser o tenente
que nasceu para só trimphar!...

E tal feito, tal façanha
elle em Torres praticou;
que até o mar'chal Saldanha
embasbacado ficou.

Depois, mais louros conquista
nas salas do parlamento,
onde dá muito na vista
seu *vigoroso* talento.

A eleição arranjada
lá por elle, em Cabo verde,
vinha tão *embatotada*
que por um triz a não perde.

Mas, emfim, da sorte amiga,
que nunca o desamparou,
mystico manto o abriga
e deputado ficou.

Oh! nobre Portugal! Depressa arvora
das quinas teu soberbo pavilhão!
A fortuna chegou, brilhou a aurora!
É Fontes deputado da nação!!...
....
....

Foi então cá na *Parvonia*,
que elle mais se distinguio;

tornando-se um—*super omnia*
como nunca ningem viu!
Sempre ao mar'chal agarrado
combateu sempre a seu lado
com denodado valor;
foi nas luctas o primeiro,
foi do mar'chal conselheiro,
grande regenerador!...
E, depois de guerra acesa
entre Saldanha e Cabraes,
(sem sarbemos com certeza
qual d'elles esbanjou mais)

O mar'chal, um gabinete
formou, sem maldade alguma;
e, das pastas que são sete,
ao Fontes... não dá nenhuma!!!...

Comtudo, leitor's meus, a sã verdade
é esta que eu agora aqui registro:
o Saldanha, com rara habilidade,
bem depressa do Fontes faz ministro.

E, visto que o heroe já 'stá chegado
ás alturas do magico poder,
descança aqui ó musa o teu bocado
em quanto um *piteu* d'ostras vou comer.

CANTO III

O Campo de Manobras

Guerra franco-prussiana—impaciencia do Fontes— visão—conselhos da deusa Phantasia—reunião de conselho—contrariedades—o vinho do Chuva—os ebrios—enthusiasmo—decreto—o campo de Tancos—as obras e o Salgado—marcha das tropas—opulencia e miseria—o rancho—a corte na Carrascosa—missa campal—os padres e o vinho—manobras—confusão—victimas da guerra em tempo de paz—louvores na ordem do dia—banquete real—menú—dança macabra—caldos ferruginosos de Pedro Franço—ponte sobre o Tejo—Fontes *bota* figura—Volta-se a pagina.

Ó musa acode agora a meu chamar,
que tenho grandes cousas a contar;
a mente me alumia, inda que seja
com um famoso molho de carqueja.
Dá-me a lyra d'Apollo sublimado
que um canto vou fazer desconchavado.

E se não queres dar-me esse gostinho
ao menos dá-me cá teu cavaquinho.

Por esse mundo além, sem força, exangue
tudo andava a nadar n'um mar de sangue,
Na Austria-Hungria, velhos e meninos
não tinham p'ra comer. . . se não pepinos

e dizem que no valle de Sadowa
p'ra tantos mortos já faltava cova.

Cá n'este canto da penins'la iberica
soltava o Fontes maldição homerica
contra o destino, que tenaz, maldoso
o condemnava a um viver ocioso;
anda zangado com razão e berra
por ter nascido em tão pequena terra.

Andava melancolico, tristonho
e Deus p'ra o consolar mandou-lhe um sonho,
d'envolta em nuvens candidas lhe envia
a sua mensageira — Phantasia.—

—Ó tu, rapaz alegre, *chibantão*
—vou dar-te d'esta vez um alegrão;
—a terra luzitana aparvalhada
—não ha de aos prussianos dever nada;
—se lá mui seriamente se faz guerra
—brincando se fará na lusa terra.
—Ás armas chama já toda a reserva
—não deixe de reinar aqui Minerva.
—Suppõe que vem ahi duros hispanos
—Correndo tudo a soccos e *bananos;*
—que vem marchando e fazem grande bulha
—armados d'espingardas com agulha
—tu saltas-lhe de cá com mão armada
—e pões toda essa corja em debandada.

—se a patria tua já captiva esteve
—a si sómente, a ninguem mais o deve.
—Se outr'ora me escutassem os polacos
—não os teria a Russia feito em cacos.
—A Italia tem soffrido as consequencias
—das suas intestinas dessidencias.
—E conta que ha-de feito ser n'um bôlo
—qualquer paiz a quem governe um tôlo.

—Embora mau te chamem como as cobras
—um campo fazer deves de manobras,
—as tropas andam faltas de instrucção,
—soldado quer dizer: um sendeirão
—que nem d'armas sequer sabe o manejo;
—e tú, que tens sciencia de sobejo,
—trata-me d'ensinar esses rapazes
—e d'elles me fazer uns ferrabrazes.

. . . .

. . . .

Dissipa-se a visão qual vapôr brando
e fica o nosso heroe *parafuzando:*
quer logo dar começo á grande empreza
e o conselho reune com presteza,
expõe-lhe o aviso que do ceu tivera
e n'essa explicação mui bem se esmera.
Responde-lhe com grandes disparates
aquella sucia de incivis magnates;
allegam que o paiz não é p'ra chanças

e que está muito em baixo de finanças;
levanta-se questão, faz-se berreiro
e chegam a atirar-lhe co'um tinteiro:

Não perde o bom do homem a cabeça
e logo resolveu pregar-lhes peça.
Secretamente manda vir do—Chuva—
um grande garrafão com sumo d'uva
das frescas regiões do alto Douro...
d'aquelle que electrisa até um mouro.
Disfarça e finge que de ideias muda
e de copo na mão todos sauda;
para as pazes fazer bebe um *golazio;*
despeja cada qúal o seu copazio;
atraz d'um copo muitos se despejam
e quantos mais enxugam mais desejam.

O vinho novos impetos suscita
e sendo generoso mais incita.
Esquentam-se as cabeças e com sanha
até já querem conquistar a Hespanha.

Anhos ha pouco são leões agora.
De conseguir o fim já chega a hora,
o Fontes faz vingar o seu projecto
e entre dois brindes se lavrou o decreto.

Ouvi tambem dizer que os conselheiros
passaram muito bem sem travesseiros.

Publica-se o decreto na gazeta
e da publicidade toca a meta.
Da reserva as fileiras são chamados
muitos sargentos, cabos e soldados.
O povo chega a crer que ha inimigo
que nos ponha o paiz em grande p'rigo;
mas Fontes sua ideia pondo em obra
o campo faz buscar para a manobra.

Dispersa-se uma nuvem d'engenheiros,
percorrendo o paiz dias inteiros
em busca d'um terreno apropriado
ás intenções do nobre potentado;
correram montes, valles, e, já mancos
por fim co'os ossos foram dar em Tancos.

Era um paiz agreste, mas extenso,
só bom p'ra quem á caça for propenso.
Mas era plano, tanto ao Fontes basta;
nem de gastar dinheiro elle se agasta.
Mandou-se pois um bando d'operarios
desbravar esses campos solitarios.

São as obras mui custosas
e por mor economia
as dirige um tal Salgado,
major de cavallaria.

Gasta-se ali bom dinheiro
tudo á custa do thezouro;
par'cia estar-se na epocha
da feliz idade d'ouro.

Das divisões e brigadas
se nomeiam commandantes;
vencendo em cima do soldo
quantias exorbitantes.

Marcham tropas, baterias,
regimentos divisões,
quarteis-mestres, commissarios,
(que sucia de comilões!)

Comboios partem frequentes
põe-se a tropa em pé de guerra;
anda tudo em roda viva
n'esta aparvalhada terra!!!...
. . . .
. . . .

Em confusão pitoresca
as armas vão baralhadas;
não se attende ás regras d'arte...
—Bagatellas escuzadas—.

Barracas velhas,
esfarrapadas;

de mil buracos
todas crivadas,

padrões de gloria
dos portuguezes
n'essa campanha
contra os francezes,

tem o soldado,
pobre coitado,
p'ra se abrigar
de noite e dia
do sol ardente,
da chuva fria.

Tem p'ra dormir
cama d'esteira;
por cobertor
rede saveira;

se vem nortada
endiabrada;
barraca e tudo,
sem remissão,
vae pelos ares
como um balão.

Mal rompe a manhã:

—Tam plam rataplam,
se toma o café;

mais uma chalaça
lá vem a cachaça;

ao rancho lá tóca
e mettem na bôca
feijão com arroz;

E,... p'ra variar,
o mesmo ao jantar.

Ao pé da miseria da plebe, coitada,
se ostenta a grandeza dos grandes mandões
são tendas de luxo, forradas de seda,
são lautos banquetes, são grandes funcções!

Não quer ser o Fontes com elles avaro
e grandes propinas lhes manda abonar;
nem mesmo lhes falta gentil mercenaria,
assim, com mil bombas, é bom manobrar!...
....
....

O proprio D. Luiz com a consorte
tão linda, tão gentil, tão *caridosa*
ali tambem vieram, alojando-se
n'um alto que se chama a—Carrascosa—

A Carrascosa, sim, triste paragem
onde nem ar, nem agua, nem frescura
ninguem jámais achou; logar maldito!
Nem uma triste fonte ali murmura!

No tôpo da campina mais alçada
ergueu-se um templo ao Deus dos valentões;
um templo digo, mas o termo proprio
seria uma barraca d'orações.

Ali negras sotainas se reunem
em sacras vestes, em latim cantando
a campal missa, em quanto do soldado
o sol ardente os lombos vae torrando.

N'um canto, sob um pano de frontal,
existe um certo pipo e dois barris;
bebem do bom os padres, os soldados
agua a ferver que trazem nos cantis.

Terminada a cer'monia, os bons dos padres,
não sei se padres eram, se eram cachos;
mas sei que no jantar do mesmo dia
houve uma grande somma de *borrachos*.

Houveram grandes manobras
cuja fama atroa os ares;
d'aquelle ensino proficuo
sairam *bons* militares!

Pequena amostra vou dar-vos
do que então por lá se fez,
e do que eu hei de contar-vos
vos benzereis muita vez.

Vereis a sciencia infusa,
talento, genio, primores
que na Parvonia possuem
os generaes superiores.

Simula-se um combate decisivo
achando-se o inimigo em linha extensa;
os nossos em columnas vão formando,
na frente se colloca artilheria;
infanteria fica na reserva,
artilharia foi posta no centro.

Começa o fogo, as balas artilheiras
silvando, passam sem fazer estrago
sobre as cabeças dos contrarios proximos
que, ao vel-as, as saudam na passagem.

Quando fallo em contrarios é supponDo
o que seria se os lá houvesse.
D'infantes então rompe vivo fogo,
e tão nutrido, tão certeiro e destro,
que, posto os inimigos não alcance,
alcança com certeza os artilheiros
e cavalleiros do seu proprio exercito.

Não sei dizer, se por ventura as armas
tivessem balas, qual seria o numero
de desgraçados que n'aquelle dia
dormindo ficariam para sempre
mortos na guerra quando paz havia.

Espantam-se os cavallos, e nos dentes
tomam o freio, correm sem destino,
atropellando aqui, além pizando
os proprios cavalleiros desmontados.
Não se entende ninguem. As ordenanças
o campo cruzam, sem saber que fazem.
Ninguem conhece da corneta os toques
nem obedece ao rufo dos tambores.

De forma tal correu esta campanha
que as tropas, sem peleja verdadeira,
soffreram tal derrota, tão completa
como se fossem a valer batidas
por inimigo forte e numeroso.

O Fontes via de longe este *fiasco*
e disse para o rei que estava ao pé:
—Aquella confusão é calculada,
—aquillo vae correndo a maravilha.
E, n'essa mesma tarde. . .

Saiu na ordem com geral espanto
um elogio aos chefes sup'riores,

pela maneira sabia e sensata
porque a manobra tinham dirigido!!!

....

....

N'essa noite a Carrascosa,
ao clarão de mil bugias,
vio a mais cabal *rapióca*
que se viu em nossos dias.

A caterva dos magnates
com seus chapeos embicados,
espadas virgens e martyres,
foram ali encontrados.

Teve o rei a gentileza
de p'ra jantar convidal-os,
mandando vir de Lisboa
os mais gostosos regalos.

Foi um jantar de espavento,
digno d'um rei *Zilu*,
attendam pois p'r um momento;
reparem bem no

Menu

houve cabeça de porco
com feijão, á portugueza;
ovos de pata fritados
em bôa manteiga ingleza;

sardinhas de caldeirada
com tomate e pimentão,
acompanhando o petisco
salada de camarão;

appareceu dona dobrada
com vidrilhos de tomate
e rodinhas de chouriço,
que veiu de Camarate;

o bello carapau frito
de dez réis o quarteirão,
vinho do Zé dos pacatos,
cada garrafa um tostão.

A bella isca de figado
n'este banquete não falha,
arranjado n'uma tasca
lá da travessa da palha;

comeu-se um grande robalo
(não julguem que digo asneiras)
pescado pelo Sampaio
lá no caminho d'Oeiras;

trincou-se com grande gana
(mas isto em segredo fique)
uma galinha que ao Fontes
deu D. Antonia Pusich;

bacalhau de cebolada
feito á moda de Cacilhas;
atum fresco com batatas
e carneiro com ervilhas;

bebeu-se vinho de grande
sem conta, nem ser medido,
ficaram todos... eu sei;
como o bom Deus é servido;

fervem ditinhos chistosos,
fervem cantigas gaiatas,
houve tal que ja, coitado,
só podia andar de gatas

canta o fado rigoroso
o visconde de Leiria:
—*para ás torradas manteiga*
—e para nós a folia

Toca o Fontes cavaquinho,
seu instrumento dilecto;
o Miranda canta em verso
as letras do alphabeto.

Cazimiro fez tregeitos
a comer um nabo cru;
diz:—*P'ro fastio limão*,
e já trata o rei por tu.

Entram de mansinho, a furto,
na tenda, muito direitas,
pé ante pé, disfarçadas,
sertas *senhoras* suspeitas.

Começa dança macabra
sem precedentes na historia,
se eu podesse bem contal-a
bastava p'ra minha gloria.

Exibem-se quadros plasticos
que a mortos excitam riso;
no trage que usou Adão
com Eva no paraizo.

Alice dança o fandango,
Palma bate o sapateado,
Antonia toca pandeiro,
Francisquinha bate o fado.

Quem *não bate nem apara*
é a Joanna Palhares,
porque anda agora aprendendo
com o Justino Soares.

Tudo pula e tudo brinca,
tudo por fim está cansado,
acabando em fim a dança
n'um can-can desenfreado.

Não posso agora contar-vos
o mais que então se passou,
sei porém que no outro dia
Fontes de cama ficou.

E consta que o Pedro Franco
em papeis azues, lustrozos
lhe mandou a toda a pressa
cem caldos ferruginosos.

. . . .
. . . .
. . . .

Extensa relação fazer podera
de todas as manobras, concebidas
no cerebro do Fontes, mas desisto,
pois as massadas, sei, estão prohibidas.

Não fallo pois da ponte sobre o Tejo
que *apenas* nos custou, uns cinco contos;
e sobre estas despezas, *é de cetera*. . .
tambem não quero por nos *ii* os pontos.

Direi, em conclusão, que a soldadesca
voltou de lá tão *habil* como fôra,
ou menos se é possivel, e, com tudo,
dinheiro se gastou de *foz em fora*.

Mas Fontes deu na vista, fez figura,
e embora d'elle o mundo todo mofe,
p'ra elle e o p'ro Salgado foi galinha
e para os generaes um regabofe.

N'esta comedia o Fontes teve applausos
mer'cendo pateada não pequena...
Voltemos pois a pagina do livro
e vamos disfructal-o n'outra scena.

CANTO IV

A Pavorosa

Jogo do rapa—preludios de conspiração—os compadres—expionagem—Tavares faz apontamentos—Tavares espreita—Tavares vê coisas espantosas—idylio d'amor—compra da ilha das Galinhas—denuncia—um chefe de policia—Tavares cae—Tavares parte a cabeça—Tavares rompe as calças—côro de gaiatos—desespero de Tavares—a policia dorme—o heroe vinga-se—prisões—o Casacão—o Argus da policia mostra a sua ignorancia, ácerca de mulheres-homens—influencia ministerial — tentativas de suborno—Tribunal—os reus—dois chapeus e uma só cabeça—eloquencia d'um orador—sentença final.

Oh! manes de Catão, de Castro forte,
d'Albuquerque e do Gama, tão temido!
Heroes em quem poder não teve a morte!
Que sois ao pé do Fontes destemido?!...

Ao pé d'elle, do heroe de *Verde-Cabo*,
Do que nunca tremeu nem vacilou;
e que sem nunca ter de palha rabo
do *Fosquinhas* até se aproveitou!!...

Ao grande genio seu nada lh'escapa,
caminha, corre, avança sem cessar.
E, quando, *por acaso*, *joga o rapa*,
Ao pé d'elle ninguem pode rapar.

É no jogo do rapa tão valente,
que se pode chamar um *rapador;*
quer atraz, quer dos lados, quer na frente,
nem *põe* nem *deixa, rapa sim senhor.*

Uma vez a rapar fez tal proeza,
e com tanta destreza então rapou,
que dos Cofres rapou toda a riqueza
e nem um só *macanjo* lhes deixou!

Treme o throno, o altar, nobreza e povo
e começa toda a gente a conspirar,
mas elle vae-se enchendo como um ovo
a *rapar,* a *rapar,* sempre a *rapar.*

Conspira-se nas salas, nos passeios
nas *tascas,* botequins e lupanares;
já o Fontes começa a ter receios
e chama o seu *compadre,* o seu Tavares.

—O' comprade Tavares, compadre amigo,
(diz-lhe o Fontes em tom de cantochão)
—ameaça Portugal um grande p'rigo:
—Pavorosa, cruel conspiração!

—Compadre que me diz? Pois ha malvados
—que da patria conspirem? Contra o rei?!
—Quem são elles? Quem são os desastrados?
—Veremos quem serão, ainda não sei.

—Pois então é preciso procural-os...
—É isso o que o compadre vae fazer.
—Muito prompto compadre.
—Heide encontral-os
—e prometto d'aqui lh'os vir trazer.

—Nada, nada, isso não, compadre amigo,
—não quero que o compadre cá m'os traga.
(E baixinho repete lá comsigo)
—olha se eu aturava uma tal praga...

—O compadre fica sómente incumbido
—de metter o nariz em toda a parte,
—E, p'ra que não lhe chamem atrevido,
—É preciso saber andar com arte.

—Traidores nunca faltam, são aos centos;
—procure e achára, se não fôr tolo;
—que para conseguir certos intentos
—sempre tem que se dar volta ao miollo

—É mui précisa a prudencia
—em casos tão melindrosos,
—e ter muita paciencia
—p'ra *descobrir* criminosos.

—Fallam sómente em segredo
—porque, já se vê, tem medo,
—muito medo, e com razão.

—Sim compadre bem entendo...
—Mas pode ficar sabendo
—que a mim não me escaparão.
—Pois taes voltas hei de dar
—n'esta Lisboa famosa,
—que heide por força arranjar
—conspiração Pavorosa

—Pavorosa; muito bem. É isso mesmo.
—Já vejo que o compadre tem malicia,
—mas, para o não deixar *correr a esmo,*
—vou pôr ás suas ordens a policia.

—O corpo da policia, sim senhor,
—que não deixa tambem de ter esperteza;
—ajudado por elle. . Que melhor
—p'ra filar os traidores com mais certeza?

—Aqui tem um papel.
—São ordens minhas
—Com elle terá tudo o que quizer.
—Poderá fazer uso d'essas linhas...
—Confio no compadre.
—Que mais quer?

—Muito bem estamos tratados,
—quem sou eu lhe mostrarei.
—Hade vel-os apanhados
—nas redes que lh'armarei.

—Tremei traidores da minha ira! . . .
E dando uma cambalhota
de ao pé do Fontes se pira.
. . . .
. . . .

Sae Tavares e fica Antonio
mais planos combinando,
dizendo de quando em quando:
—O Tavares é um demonio!

E sentindo-se contente
da sua grande esperteza,
vae cantando alegremente
no 'stilo da—Gran-Duqueza:

—Elles não me fazem papo.
    Com mil canhões.
—Vão ser mortos a sopapo,
    os *intrujões*.

—O Tavares ha de agarral-os,
    eu tenho fé.
—E depois vou desterral-os
    lá p'ra Guiné.

—Nada mais me contes.
—Tá rá li tá tum.

—Eu cá sou o Fontes,
—General Bum Bum.

Tenho o Diogo de Sousa,
bom commissario;
—Pr'as despezas desta cousa
tenho o erario.

—Tenho o barão do Chicote
que é de tremer.
—Basta d'elle um piparote
p'r'os derreter.

—Nada mais me contes.
—Tá rá li tá tum.
—Eu cá sou o Fontes,
—General Bum Bum.

. . . .
. . . .
. . . .

E lá anda o Tavares escogitando
os taes conspiradores,
Mas perde a paciencia não achando
o logar dos traidores.

— Com mil raios! —exclama—Hei de encontral-os
—inda mesmo que tenha de invental-os.

E começa a fazer logo uma lista
onde põe toda a sorte de fadista;
p'ra acalmar o calor bebe cerveja;
na cabeça do rol põe o Angeja,
Magalhães, Ouguela, Casacão;
e, fazendo uma grande relação
dos mais nomes que então lhe vão lembrando,
vae p'ra casa do Fontes caminhando,
E para caminhar mais celeripede
cavalga n'um ligeiro velocipede.

Chegado a porta puxa a campainha
muito apressado.
Mas ouvindo tocar certa modinha
fica abysmado.

Ser do Fontes a voz logo conhece,
com promptidão;
e trazer pressa então já não parece;
presta attenção.

Conhece estar a porta só serrada
por isso abriu,
e, sem bulha fazer, a grande escada
toda subiu.

Depois, ali cosido n'um cantinho
poz-se a escutar.

Aos buliçosos sons d'um cavaquinho
ouvio cantar:

(A musica é dos «Sinos», conhecida
por todos nós;
que a Herminia cantava, sacudida
com pifia voz)

—D. Antonia tens feitiço,
—mas não te posso dar isso,
bem o sabeis;
—Só no fim da Pavorosa
—te darei, minha gulosa
trinta mil réis.

—A tua ilha não presta,
—olha que a verdade é esta,
meu caro bem.
—Porém dá-me um dos teus beijos,
—Satisfaz os meus desejos,
não vê ninguem.

—Trinta mil réis na Parvonia,
—minha cara D. Antonia,
já tem valor,
—Mas em fim p'rum beijo teu
—eu daria até o céu,
meu lindo amor.

—Que me importa essa tal ilha
—diz-me lá ó minha filha,
meu caro bem?
—Só me importam os teus beijos,
—satisfaz os meus dezejos,
não vê ninguem.
. . . .
. . . .

A pobre velha, coitada,
vendo-se assim requestada
fica toda apaixonada;
não póde dizer que não.
Aproveita aquelle ensejo
dando-lhe um valente beijo
e diz-lhe em tom de gracejo
—Aqui tens meu coração!
. . . .
. . . .

E Tavar's espreitando p'r uma greta,
se alguem o visse então!—ai! que careta!
Franze a testa d'espanto, pois divisa
o ministro em ceroulas e camisa!
—Ora aqui está (diz elle)—uma chalaça
—que para mim não deixa de ter graça.
—Este compadre meu oh! quanto vale!
—Pois tudo quanto faz é natural.

—Nem ha de certo cousa mais sensata
—que *Fontes* refrescar uma *cascata.*

. . . .
. . . .

Sae a velha consolada,
pois fica muito esp'rançada
em receber a mezada
que o Fontes lhe prometteu;
e finalmente apanhou,
d'esta vez não se enganou,
um decreto se lavrou
e a mezada recebeu.

O Fontes então raciocinando
vae o caso assim moralisando:

—Eu n'isto, já se vê, não fiz batota,
—foi só por ser amigo da velhota.
—Trinta mil réis por mez, para a nação,
—não é p'ra se poder fazer questão.
—A Emilia das Neves, que é de truz,
—ainda terá mais com menos jus.
—Uma ilha por cousa tão mesquinha
—nunca pode deixar de ser *gallinha.*
—Ha quem tenha esbanjado muito mais,
—segundo o que se lê pelos jornaes. . .
—que os jornaes a final são os primeiros
—a quererem receber grossos dinheiros.

—E por eu ter p'ra alguns sido mesquinho
—já me tem feito dar o *cavaquinho.*
—Que para se dizer toda a verdade
—dos jornaes que se imprimem na cidade,
—vendem-se por dez rêis de mel coado
—que por isso alguns já tenho comprado.

—Da ilha a compra, afinal, é proveitosa,
—ella sempre é maior que uma tigela,
—trinta mil réis por mez é bagatella.
—Não é isso o que arromba a náu do estado,
—nem é cousa que possa dar cuidado.
—Além d'isso a Pusich é já madura
—e sabe-nos fallar com tal ternura...
—Apesar de velhota inda é *formosa*
—e pussue umas taes *coisas ó rosa*...
—Em fim, este contracto já está feito.
—Assim eu fique bem da Pavorosa...
—É verdade!... Eu agora me recordo,
—o compadre Tavares sem apparecer!!...

Pórem assim que isto diz
mette o compadre o nariz:
—Já ca estou.
—Vim a correr.
—Mas aonde estavas tu,
—que não te senti subir?
—Eu... compadre... estava... estava...
E n'isto desata a rir.

—A rir-se d'essa maneira,
—compadre, isso não tem geito,
—Isto não é brincadeira.
—Eu mereço mais respeito.

—Perdão senhor, eu bem sei,
—mas isto... não valle nada...
—foi um geito que tomei...
E *desata* á gargalhada.

—O compadre enlouqueceu?!...
—Não senhor eu já estou serio.
—Se me ri foi de contente
—por descobrir o mysterio.

—Ora bem, está desculpado,
—pode o seu recado dar.
—compadre muito obrigado.
—Attenção: vou começar:

—Trago altas novidades,
—como o compadre vae ver:
—luctei com difficuldades
—p'ra certas coisas saber.

—Corri tascas e tavernas,
—corri... corri... sem parar;
—'té comprei duas lanternas
—para melhor procurar;

—subi ladeiras, escadas
—n'um continuo corropio;
—saltei mil encrusilhadas,
—senti calor, senti frio;

—estraguei um par de solas,
—em menos d'uma semana,
—atraz d'esses mariolas
—com forte valente gana;

—espreitei todas as portas,
—metti-me pelos buracos,
—andei por todas as hortas,
—fiz as pernas em cavacos;

—ás vezes, já por malicia
—ia andando e ia ouvindo. . .
—Não se valeu da policia?
—Ora adeus. . . 'stava dormindo.

—Não creio, não me parece. . .
—Pois é a pura verdade.
—Quando a policia apparece
—sempre é tarde... muito tarde...

—Em fim, pelo que estou vendo
—nada descobriu então. . .
—Não senhor, fique sabendo
—que está aqui a relação.

—P'r'os nomes repare bem
—de todos esses senhores;
—esta relação contém
—os peores conspiradores,
. . . .
. . . .

Reluziram-lhe os olhos de contente,
como a Santan
Quando Eva enganou feito serpente
com a maçã.

—Cá os tenho, são estes os malvados,
vou-me vingar.
E logo expedio ordens e mandados
p'r'ós apanhar.

Dirigiu ao D. Diogo,
em linguagem de fogo
expressões que fazem logo
as carnes arrepiar:

«Ill.mo Senhor.
«Estou fulo de rancor,
«*venha aqui*, faça favor,
«que lhe quero já fallar.

«É negocio muito serio,
«e da mais alta valia.

«Cá saberá o mysterio
«sou
seu
Antonio Maria

Corre, vôa ao commissario,
no seu cavallo mechanico
Tavares feito Sagitario,
apoz de si deixa o panico!

E' uma sombra fugindo.
E' um raio que atravessa.
E' uma bala, partindo
das entranhas d'uma peça!

Porém. . . ó fado inclemente!
ó sorte dura, mofina!
Correndo tão cegamente
quebra a testa n'uma esquina.

Com a dor solta *grunhidos*
de cruel desesp'ração,
e os garotos atrevidos
fazem d'elle mangação.

N'um motim diabolico, infernal.
Imitando as tres rocas de christal.

—Olha o compadre Tavares
—caiu dos áres
—no meio do chão.
—Está 'li feito n'um bolo.
—que grande tolo!
—que parvalhão!

—Parece-me um caranguejo,
co'o realejo
desafinado.
—Agora ha de andar a pé,
la ri ló lé,
foi bem lembrado,

—Sim senhor foi bem lembrado
que reinação,
que reinação.
—Vel-o assim estatelado
no meio do chão
no meio do chão.

—Olha como el' rabeia
como esperneia
qual viva eiró,
—e berra aquelle maldito,
como um cabrito,
la ri ló ló!

—quem quizer vêr uma aranha
depressa venha,

ella ali está;
—'té já tem as calças rotas
co'as cambalhotas,
la ri lá lá!

—Ai que bicho tão pelludo,
que cabeçudo;
vae ficar nú!
—Com aquelle estrebuxar,
vae nos mostrar. . .
la ri lú lú.

—O' ira! ó raiva! ó dôr! ó desespero!
berregava o Tavar's já meio louco:
—Quem me dá um gaiato? pois eu quero
—matal-o n'um momento, só d'um soco!

Mas os garotos fugiram
mal Tavar's se levantou;
e, lá ao longe, inda ouviram
as pragas que elle soltou.
Acabada aquella festa
o Tavar's atou a testa
e pr'a andar se preparou.

Ao dar o primeiro passo
sentiu um grande embaraço
e não poude proseguir;
as pantolonas rasgadas

estorvavam-lh'as passadas
estando quasi a cair.

Pobre diabo coitado!
Viu-se bem atrapalhado
n'essa triste collisão!...
Mas em fim lá se arranjou,
coseu as calças marchou
a cumprir sua missão.

Á porta de D. Diogo
solemnemente bateu.

Vem uma criada logo:
—Quem é? pergunta.
—Sou eu.
—Da parte d'Antonio o Caro
—diga lá ó seu patrão
—que é preciso que me falle
—com a maior promptidão.

—É um negocio de estado
—a menina percebeu?
—Eu vou dar-lhe o seu recado
e logo desappar'ceu

Voltando depois á porta,
diz ella de cara torta:
—o patrão adormeceu

—E' verdade,—acode logo
Tavar's com certa malicia.
(Lembrou-se que D. Diogo
era chefe de policia)

—Tem razão, não me lembrava,
—mas assim devia ser,
—que a policia n'esta terra
—é p'ra dormir e comer.

—Ai que terra desgraçada!
—O senhor não quer mais nada?
—Espere um pouco senhora,
—queira entregar-lhe esta carta
—porém sem muita demora.
. . . .
. . . .

Passaram-se alguns dias. Em segredo
se foi Antonio Caro preparando
para a lucta final.
Envestidas, assaltos, mil prizões,
barões, condes, marquezes, cazacões
a todos foi fatal.

Á sua feroz vingança
quem poderia escapar?
se nem Souza Cazacão
d'ella se poude salvar

Coitado! Saiu-lhe cara
a burlesca mascarada,
em que foi representar...
O Cazacão, (cousa estranha!)
só por fazer de Saldanha,
se viu em passos d'aranha
no Limoeiro a penar!
—Anda, aprende, Casacão
que levas-te uma lição
que sempre te ha de lembrar.

Foi D. Diogo de Souza
incumbido de prender
o conde de Magalhães.
—Que partidas que tu tens!
E's peor que uma rapoza
meu D. Diogo de Souza.

Andáste com tal finura
n'esta prizão importante;
que lançáste a mão n'um instante
á infeliz creatura.

Andáste bem, na verdade,
andáste como se quer;
pegáste-lhe com vontade
e soubestel-o prender.
—Lá se depois te fugiu
tu culpa não podes ter

Mas quem é que presumia
que o nobre conde sabia
disfarçar-se quando qu'ria,
e fazer de *homem-mulher*

Mas diz-me cá uma cousa,
meu D. Diogo de Souza,
tu que entras-te na funcção.
Houve ali empalmação
ou deste-lhe a liberdade
só por parte de amizade?
Nada d'isso? Então já sei
como a cousa se passou:
E' que tu adormeceste
quando elle se raspou.
. . . .
. . . .

Mas emquanto o *pobre* conde
anda lá por esses montes
vamos ver se descobrimos
o que faz o *grande* Fontes.
. . . .
. . . .

O Fontes altamente despeitado
ficou, logo que soube da noticia,
e, qual porco montez bem assanhado
bufava, dando ao Demo tal policia.

—Mil raios, coriscos
—confundam taes cães
—que deixam fugir
—assim Magalhães.

—Aquelle demonio
—Diogo de Souza
—é mesmo um bolonio,
—não sabe da cousa.

—bem diz o Tavares
—(esse não é môno)
—que a minha policia
—'stá sempre com somno

—Mas deixa estar, Diogo d'uma figa,
—que eu te vou ensinar como se briga:
—assim que se acabar esta farfalha
—na rua te hei de por por ser's canalha.

Depois as iras contendo
da sua indignação
assentou-se e foi escrevendo:

«Juizes da relação.
«Excellentissimos senhores

«Ha n'esta terra traidores
«contra o rei contra a nação.

Eu sou ministro d'estado
e como tal obrigado
a prender qualquer malvado
que se atreva a conspirar;
por isso mui diligente
mandei prender muita gente
pois não seria decente
os traidores não castigar.
Alguns muito bem conheço
(até d'elles fui amigo),
mas a lei não desconheço;
a todos darei castigo.
'stá o processo instaurado
e já foi p'ro tribunal,
agora tomem cuidado
que este crime é capital
pois offende a náu do estado,
toda a familia real.
Não quero que haja clemencia;
peço vossa influencia
p'r'o dia do julgamento,
Bem sabeis senhores juizes
que lá n'essa Bôa-hora
são peores que meretrizes
que se vendem a qualquer,
e, por isso, sem demora,
foi que vos quiz escrever.
Aquelles grandes malvados,
é de justiça e razão

que não possam ter perdão.
O crime está muito claro.
Não digo mais aqui paro,
apertando-vos a mão
sou

vosso
Antonio Caro.»

Leu, releu e ruminou
a carta depois de escripta;
'té que afinal exclamou:
—'Stá bem feita, 'stá bonita.
....
....

Foi a missiva pois ao seu destino.
Que effeito produziu, vão já saber.
E' um passo galante e muito fino
o que no tribunal vae succeder:

'stá cheio o tribunal de curiosos
para ver o final de tal farçada.
Quando entraram os reus, os criminosos,
levantou-se tremenda gargalhada!!...

E' que no meio dos réos
vinha o Souza Casacão,
e trazia dois chapeus,
um na *pinha,* outro na mão.

Um dos chapeus que trazia
disse alguem que era por manha,
porque bem se conhecia
ter pertencido ao Saldanha

A gargalhada geral
que no salão retumbou
tudo aquillo transformou
em scena de carnaval.

Até os proprios culpados,
os policias, os soldados,
todos os mais magistrados
cahiram no chão a rir...

Ai que scena!
causa pena
não se poder repetir!...

Mal diria o cazacão,
no seu bestunto acanhado,
que tinha sido fadado
para vencer a questão.

Pois foi elle que a venceu;
esta é a pura verdade.
Conduzia a liberdade
nas abas do seu chapeu!...

Que depois d'esta scena o tribunal,
ficou, d'uma tal forma, em confusão,
que nem sabe do codigo penal
olhando p'ro chapeu do Casacão!!...

Emfim bastante custou
a ordem restab'lecer...
Porém tudo se calou
anciosos por saber
qual seria o resultado
de tão grande mascarada.
E toda a gente calada
se ficou por um bocado
p'ra ouvir o advogado,
que então pediu a palavra
e disse d'esta maneira:

—Senhores juiz e jurados:
—Se eu disser alguma asneira
—sejam p'ra mim delicados,
—que isto não é brincadeira.

—Estes reus não são culpados
—como lhes passo a provar.
—Até podia jurar
que são todos muitos honrados.
—Se não, digam meus senhores:

—Pois serão conspiradores,
—criminosos ou traidores,
—uns entes inoffensivos
—que só nos tem feito rir
—com variados motivos?
—aonde existe a traição
—contra o rei? contra a nação?
—Em que prejudica o estado
—ter-se uma vez mascarado
—o tal Souza Casacão?...

Aqui o Souza tossiu,
puchou do lenço, escarrou,
mas nada mais se sentiu;
o doutor continuou:

—Estes homens, fallo serio,
—senhores juiz e jurados,
—'stão agora ali sentados
—por culpa do ministerio.
—O Fontes já não sabendo
—fazer cousa proveitosa,
—inventou a Pavorosa
—para nos ir entretendo;
—eu conheço aquelle melro,
—sei o que n'elle se encapa,
—que, por minha triste sorte,
—já joguei com elle o *rapa*...
—O seu compadre Tavares
—em vez de pegar na agulha,

—Andou a ver lupanares
—e por fim fez esta bulha.
—D'isto fui bem informado,
—e na minha opinião,
—devia ser castigado
—aquelle grande *intrujão*,
—que largando o seu officio
—como qualquer mandrião,
—*correu* no campo do vicio
—e fez-se vil expião!...
—Isto sim é que é traição!

O tribuno já cançado
um copo d'agua tomou
e, depois de refrescado,
d'est'arte recomeçou:

—Parece-me ter provado,
—senhores juiz e jurados,
—d'estes reus a innocencia;
—e, para não vos massar,
—acabo por appellar
—para a vossa consciencia,

—Justiça meus senhores! e sem demora
—mandae os pobres reus d'aqui p'ra fora.

Foi por todos festejado
aquelle nobre orador

que soube dar o recado
com bizarria e primor,
—'té o Tavares, d'um canto
lhe disse cheio de espanto:
—Muitos parabens doutor!

Tudo estava consolado
n'aquella casa fatal,
que se tinha transformado
n'um verdadeiro arraial.

Só nos reus se divisa dôr intensa,
anciosos por ouvir sua sentença.

Foi breve a decisão;
o juiz pede attenção.
E no mei' d'um silencio sepulchral,
em que se achava então o tribunal.
Leu:

—Sentença final—

Consid'rando que os reus não são culpados
—dos crimes de que foram accusados,
—como se fez ver;
—e considerando mais que a Pavorosa
—não passou d'uma peça deleitosa,
—p'ra nos entreter
Eu por ver que isto tudo foi burlesco,
—mando pôr desde já os reos ao fresco

CANTO V

O tosão

Pesadello—annuncios dissolventes—bofetada homerica—*fiat-lux*—o despertar—prostração moral e doença phisica—fastio—dôr de queixos— grande dente é o dente de um grande —o heroe concebe novas façanhas— viagens — regresso — vozes de burro...—conspiração do carapau— iras do *Manel* d'Assumpção—reunião magna—retirada dos regeneradores—triumpho do carapau—cumprimentos—eleições futuras.

É negra á noite,
o vento geme,
o Fontes treme
no leito seu.
Por entre as sombras
occulto monge
repete ao longe
—sou eu... sou eu...

É um fantasma
de corpo informe;
o Fontes dorme
mas bem o vê,

Caminha tetrico,
já 'stá bem perto,
n'um livro aberto
para si lê.

Parece o mumia.
o Zé Anselmo;
mas traz um elmo
como um bombeiro.
Caminha rapido
sem dar um passo
e no cachaço
traz um letreiro.

N'aquelle distico
se vê gravada
uma charada
difficultosa.
Nas letras magicas
em bom sanscrito
só se vê escripto
—A—*Pavorosa!*

As letras igneas
desapparecem,
mas apparecem
outras então.
Estas agora
—caso estupendo!—

Só 'stão dizendo
o—*Casacão*—

A estas, outras
succedem logo
e—*D. Diogo*—
agora está.
Porém mudando
com promptidão
se lê—*Pimpão
comprado já*

E sempro assim
continuando
se vão mudando
sem descançar.
N'esta mudança
sem mais demora
se lê agora
A—*Cellular*—

O pobre Fontes
treme assustado,
vendo a seu lado
o monstro horrendo.
Pensa que é pêta;
porém, olhando,
mesmo sonhando
lá vê—*Gambeta:*

Que sonho horrivel!
que pezadello!
Fez-se amarello
qual pergaminho!
De olhar estatico
lê de repente
na sua frente
—o *Cavaquinho*

Convulso treme
vendo—o *thesouro*
sem nenhum ouro—
Muito se assusta.
Mas o fantasma
olhando-o zarco
mostra-lhe—*o arco*
da rua Augusta.

E os taes letreiros
sempre mudando
lhe vão mostrando
—*Carris de Ferro*—
E entre as nuvens
d'espesso fumo
se lê—*Consumo*
depois—*Aterro*—

—Óh! que maldito!
Brada o enfermo

—Não terá termo
—*tal reinação!*
Mas, sempre olhando,
lá viu—*Colonia*
e—*Dona Antonia*—
Que maldição!

Em ár de môfa
a sombra pavida
lhe mostra rabida
em letra longa
—*Paiva d'Andrade*
—*Tavares capacho*
e mais em baixo
—*Valente Bonga*

P'ra vêr se acorda
faz grande esforço
mas o remorço
o tem prostrado.
No seu delirio
vê mil *velhotas*
ás cambalhotas
dançando o fado

—Eu endôudeço,
Senhor, soccorro,
se não eu morro
—n'esta afflicção.

Então a sombra
n'um grito rouco
diz—Inda é pouco,
meu sabichão.

Depois a destra
rapidamente
ergue imponente,
mas desarmada.
Chega-se ao leito
com ar sinistro,
dá no ministro
gran' bofetada.

. . . .
. . . .

Depois a luz apparece
as sombras se dissiparam
e tão medonho fantasma
p'los cabellos arrastaram

Espavorido acorda Antonio o Caro
erguendo-se no leito de repente.
Mas falta-lhe das forças o amparo
e conhece que está muito doente.

—Oh! Meu Deus! que sonho horrivel
—me tonteou o toutiço!...

E lançou olhar terrivel,
mau, feroz, espantadiço.

—Uns letreiros... um fantasma...
—umas velhas... que medonho!...
—Antes um ataque d'asma
—do que ter assim tal sonho

E lá se levanta
medonho d'aspeito
sentindo no peito
as iras ferver.
É sua dôr tanta
que opiparo almoço
par'cendo-lhe ensôsso
não póde comer.

Sentindo nos queixos
uma dôr intensa
lá comsigo pensa
ser caso mui sério.
E não se enganava,
pois lhe cae um dente,
e conjunctamente
o seu ministerio!
. . . .

Porém não fica ocioso
mais proezas quer tentar

e cuida logo o manhoso
em partir em viajar.
Corre pois terras de França
onde tem boa cevança
e dinheiro p'ra gastar.
Na Hespanha faz entremez,
e esta Parvonia admirada
não comprehende a charada
do que elle por lá fez.

Viajou com todo o gosto;
á patria voltou contente,
anafado, bem disposto,
sem lhe faltar um *só dente!*...
E logo, p'ra mais triumpho,
torna a ser o rei de trumpho
da *parvoneza* nação.
Decifra-se a tal charada
e Lisboa, aparvalhada,
Vê-lhe no peito—*o tosão*—

Ao pé d'elle os mais astutos
se rojaram pela lama,
e, no meio d'esse brutos;
nem escapou o Bolama.
até um *burro* sediço
orneou espantadiço
e seus feitos relatou...
—Pobre *burro* coitadinho,

que já perdeu o caminho
que D. Miguel lhe traçou! . . .
. . . .
. . . .
. . . .

E os echos repetem
nos valles e nos montes
mil graças, ó Fontes.
tú és um pimpão!
e tu, muito ufano,
com meigo risinho
só dizes mansinho:
—cá estás, meu—*tosão*—

E com elle ao peito unido
ancho de maga ternura,
qual mãe a seu filho qu'rido,
dás-lhes beijos com doçura . . .

—Maria Antonio de Mello,
esses bravos do Mindello
ao pé de ti nada são.
O teu nome hermaphrodita
mer'cia, oh! sim! acredita,
ter o soberbo—*tosão*—

E as quinas ditosas
do bom Portugal

no Paço Real
vaidosas estão!
Tremulam as quinas,
e o bom Zé povinho,
no seu cavaquinho
celebra o—*tosão*—.

De tão egregia conquista
nas doces glorias immerso
olvidas o progressista
esse partido *perverso!*
Todo tu és—*tosão d'ouro*—
só pensas no teu thesouro,
não ves a conspiração
e o tal carapau valente
conspira continuamente
sem lhe importar o—*tosão*—

E lá dos palacios
as festivas salas
coberto de galas
tu danças então,
Contando ás velhotas
garridas, janotas
as mil anecdotas
do rico—*tosão*

Dos meigos olhar's das bellas,
sentindo d'amor a setta

caes então nas esparrellas
do teu Cabrion, do Gambetta

Esqueces-te o parlamento
—O' fatal esquecimento!—
Até *Manel* d'Assumpção
não te sentindo a seu lado,
gritava indisciplinado:
—Maldito seja o—*tosão*—

E teus bons amigos
regeneradores
martyrios e dores
só sentem então.
—Vem cá nosso Fontes
—Chiton! Mais prudencia;
—Esperem! Paciencia
—'stou pondo o—*tosão*—
. . . .

Todas aquellas vozes immudecem,
tudo cae no silencio mais completo.
Á voz altisonante do portento
não é dado a ninguem pôr dique ou pêa!...

Contrahidas feições onde pintada
se divisa a cruel dôr d'anciedade,
mudos, immoveis sua vinda esperam,
humildes, respeitosos, confundidos.

E a phalange dos nobres deputados
da patria defensor's, tropel de sabios,
nutrindo cubiçosos sentimentos,
doce esp'rança nos peitos afagando.

pressurosa d'ali se distancea
desejando saber a sua sorte.

A S. Bento chegados, muito ufanos,
em cuido d'ambição que n'alma sentem,
fallam, discutem, planos combinando,
'té que um raio de luz os illumina
como se fosse estrella rutilante,
que baixasse dos paramos celestes
para luz derramar no parlamento!...

É elle! o heroe! o sabio! o *tosão d'ouro!*
aquelle que deslumbra, que fascina,
que brilha, manda, rapa; que dá cartas;
redeas, chicote, esporas, tudo tendo;
assombro dos compadres e dos mundos!!!...

Perante elle se curvam reverentes,
os filhos de Minerva, alas abrindo!!...

Passa o collosso as alas respeitosas,
e, firmando os olhar's na presidencia,
os diques da eloquencia rebentando,
taes facundas palavras então solta:

—Senhores meus, cá estou; venho dizer-vos...
—é preciso cair!
—As causas por emquanto são mysterio
—pertencem ao provir.

—Mas repito, aqui estou, se agora desço,
—subirei outra vez.
—Subirei, sim senhor's, que bem conheço
—o povo portuguez.

—Aquillo que eu disser, tomae sentido
—que nunca falhará.
—Conheço-o muito bem o Zé pagante
—comigo se haverá.

—Tenho credito. As praças estrangeiras
—me concedem milhões.
—Muito bem d'elles sei aproveitar-me
—nas grandes eleições.

—Portanto não temaes, caros amigos,
—este meu desarranjo.
—Os que sobem agora ao ministerio
—não valem um *macanjo*

—Conheço, fui um tanto descuidado
—por causa do—*tosão*—
E progredir deixei do *carapau*
—a vil conspiração.

—Porem não é de medo nem de justo
—que me deixo cair
—Para prova ahi está a maioria
—que não deixa mentir.

—Esse traidor Gambetta, o que precisa,
—é ganhar uns vintens.
—Deixal-o pois ficar lá no poleiro
—a vêr se mata os *cães*.

—Não deveis lamentar a nossa queda
—tão digna, tão briosa!
—Deixae tambem os pobres belisarios
—comer alguma cousa.

—Nós vamos descançar, é muito justo,
—urgente, necessario.
— Tambem Christo cançou, quando subia
—caminho do calvario.
. . . .
. . . .

Então milhões d'apoiados
se levantaram ruidosos,
—Que famosos, deputados!
Que mancebos tão briosos!

E o grande orador
a testa limpando

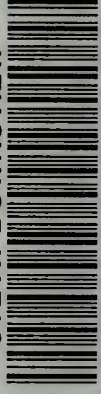
d'um leque puxando,
affasta o calor,

—Tenho luctado a sós com mais d'um urso,
—e sinto-me cançado do pulmão,
—por isso vou dar fim ao meu discurso,
—mais não quero prender vossa attenção.

Seguiram-se do estilo os cumprimentos. . .
e o grupo dispersou dos sabichões:

Acabaram-se os meus apontamentos
'spraremos as futuras

Eleições.


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 04 003 6